



A VENDA DA FLÔR EM LISBOA: Insistindo gentilmente para que lhe comprem mais uma flôr (As sr.^{as} D. Maria Sofia e D. Maria Genoveva Cirilo Machado).

(**Cliché** Benoitel).

II SÉRIE N.º 579

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑA
 assinatura Trimestre, 1\$20 ctv.—Semestre, 2\$40 ctv.—Ano, 4\$80 ctv.
 NUMERO AVULSO, 10 centavos
 Numero avulso em todo o Brazil. 600 réis

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Lisboa, 26 de Março de 1917

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor—JOSÉ JOUBERT CHAVES

A

Enterocolite muco-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS - T. do Carmo, 1. 1.º, Lisboa

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{ie}
6, Rue Dombasle, PARIS

Grande marca franceza



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellerei.os.

Desconfiar das Imitações.

LOJA POPULAR AQUILES TEIXEIRA

209, R. aos Fanqueiros, 213-LISBOA

Casacos de abafo para senhoras e creanças. Confeccões de peles para senhoras e creanças. — **Alfaiaeria:** Fardamentos militares. — Bandeiras nacionais e estrangeiras — (Boneca á ponta do balcão)

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
COLOSAL
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

DORES DE COSTAS



As Pilulas FOSTER para os Rins

son sem rival para combater : dores de costas e dos membros, lassidão dos mesmos, doencas e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias, calculos, nevralgias, rheumatismo, hydropisia ; envenenamento do sangue pelo acido urico, etc.

As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias. a 800 Rs. cada frasco; pelo correio franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes : JAMES CASSELS & C^o, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

Use os Perfumes
da
CASA AUREA
280, R. DO OURO, 284
- LISBOA -

CHÁ HORNIMAN

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1808
VERDADEIROS
Grãos de Saúde
do **D^r Franck**
(Véritables Grains de Santé du D^r Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogarias.
DEPOSITARIO :
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

Feira do sorriso e das flores



O GRUPO DA SR.^a VISCONDESSA DE MAIROS.—No meio a sr.^a D. Albertina da Silva Graça Ruggeroni, tendo à esquerda as sr.^{as} viscondessa da Mairos, D. Josefina Pacheco Burnay Ruggeroni e mademoiselle Olga Jarodi, e à direita a sr.^a D. Josefina Pacheco Burnay, uma dama da colônia franceza e mademoiselle Leghail.

A Primavera, este ano, antecipou-se. As senhoras de Lisboa quizeram que ela nos sorrisse, em pleno esplendor, uma semana antes do calendario marcar a sua florida entrada n'este doce ceu peninsular. E n'essa linda quinta-feira de março, a cidade povoou-se de bandos alegres de mulheres, de perfumes, de galanteios, de risos, de frescura



A sr.^a D. Maria de Macedo e Brito de Romero + vendendo flores ao poeta e deputado sr. Jaime Cortezao.

feminina. O sol, um tenue sol de convalescença, terno, medroso, inquieto, veio trazer ainda um aroma e uma luz de jardim ás nossas ruas tristes. Foram as mulheres, com a divina graça das suas mãos, que déram, este ano, a Lisboa, o seu primeiro dia de primavera.

Sobe a algumas dezenas de contos a importancia total que o gentilissimo mercado de flo-



res alcançou, n'essa tarde, para a nobre e piedosa obra de proteção aos nossos soldados em guerra. Mas, mais do que a soma, avultadíssima para o nosso meio, obtida pelo encantador gesto de piedade das vendedoras, a tarde de 15 de março vale como uma lição de simpatia e de ternura. Pela primeira vez, Lisboa viu, nas suas ruas e nas suas praças, uma multidão elegante, delicada, aristocrática aprear-se dos seus automóveis e das suas carruagens, descer dos seus salões — e, alegre, amável, misturar-se entre o povo, confiando-se, sorrindo, á sua grande alma de dôr e de trabalho. Houve talvez, a principio, um enleamento e uma surpresa — que logo se dissiparam. Uma hora depois, uma intimida-



1. Três vendedoras de flores trocando impressões
2. Nos arredores das Côrtes.—Todos se empenham em comprar flores.

de, feita de confiança e de carinho, palpitava na encantadora feira de flores e de sorrisos em que Lisboa se transformára. Os grupos das senhoras, com as suas braçadeiras brancas, confundiam-se com as blusas dos operarios, entravam nas alfurjas e nos cafés, enchiam os passeios, cruzavam-se por essas esquinas, paravam ás portas das lojas, invadiam o parlamento e as redações, os bancos e as oficinas, os pateos e as repartições — oferecendo, em toda a parte, em troca da es-



Colocando a flor no peito de um expedicionario.



A sr.^a D. Josefina Pacheco Burnay e os empregados do *Eden*, srs. Teixeira Marques e Nascimento Fernandes, e o secretario da Empresa, sr. Alberto Barbosa, quando participaram ao grupo dirigido pela sr.^a viscondessa de Malros a oferta da receita bruta da recita n'aquelle teatro.

mola bem dita para os que pela Patria vão sofrer, o pequenino riso discreto das folhas brancas, amarelas, cor de rosa, dos seus cabazes elegantes. E, por toda a parte, a divina Esmola floria, como uma canção de amor.

— E' para os soldados que estão em Fran-



2. Mademoiselle Ramada Curto, florindo o deputado sr. Ramada Curto, seu primo.—3. O sr. Alfredo Baldaque da Cunha e Foyos Ardisson, comprando uma flor.—4. Mademoiselle

Ribeiro Ferreira e outras senhoras saindo da Companhia do Estoril, na rua da Vitoria



O sr. presidente da Republica e a comissão de senhoras que foi ao palacio de B.lem. Da esquerda para a direita: As sr.^{as} D. Maria Isabel Teles de Larcher Martel, D. Julia Piedade Sobral Pinheiro, D. Alda do Amaral Carneiro e Sousa, D. Maria Georgina do Couto Oliveira, D. Antonia de Taborda Couto Bandeira de Melo e D. Clotilde Pereira do Amaral de Figueiredo.



O deputado sr. Ramos da Costa, ao sair do electrico na calçada da Estrela, compra a flor.



A sr.^a D. Maria Margarida Street Caupers, vendendo flores.

na senhora — porque tenho lá o meu irmão.

E a creancinha rota, palí-da, contente, estendia na pon-



1. *Nos arredores das Côrtes.*—Colocando uma flor na lapela
2. *Na Avenida da Liberdade.*—Um automovel que pára ao passar por uma gentil vendedora.

tra o seu lenço atado onde tilintava o cobre. — E' que tambem lá tenho um primo...

E o povo que, em meia duzia d'anos, fez duas re-



ta dos deditos sujos uma moeda de dez reis.
— Tambem chega aos primos, minha rica senho-



Todos contribuem da melhor vontade para obra tão patriótica.

ra? — dizia, maliciosamente, uma varina, tirando de dentro da canas-

voluções, o povo que ruga e se bate, o povo que sofre e soluça, a fera esfomeada, cuja alma revolta e dolorosa abala troncos e semeia incendios — a terrível fera, domada pelo encanto feminino e por um gesto de bondade, sorri carinhosamente sob o diluvio das flores. Linda alma por-



tugueza do povo, quem pode duvidar de ti?...

A feira prosegue pelo declinar do dia. Anoitece—e as formosas vendedoras continuam a sua comovente tarefa de beleza e de piedade. Agora é Lisboa inteira que ostenta, ao peito, o emblema das delicadas flores da guerra. A pequenina mancha colorida das petalas poisa, como um beijo, em todas as pobrezaas e em todos os lutos. Lisboa enche-se da paz nupcial dos jardins — e quem diria que, a essa ho-



1. A sr.^a D. Maria de Macedo de Brito de Romero, vendendo a flor ao oficial da ronda no largo das Côrtes.

ra, em que a cidade noiva na alma florida e candida do povo, essa mesma alma, vária e ardente da multidão, que sorri aqui, perto de nós, derubava, lá longe, nos confins da Europa, como uma tempestade, um imperio, trovejando na vingança e na sombra, rolando no odio e na morte?...

A. de C.



2. No largo das Côrtes, perto da calçada da Estrela.—Um grupo entuslasta de compradores.—3. A animação na rua do Ouro.

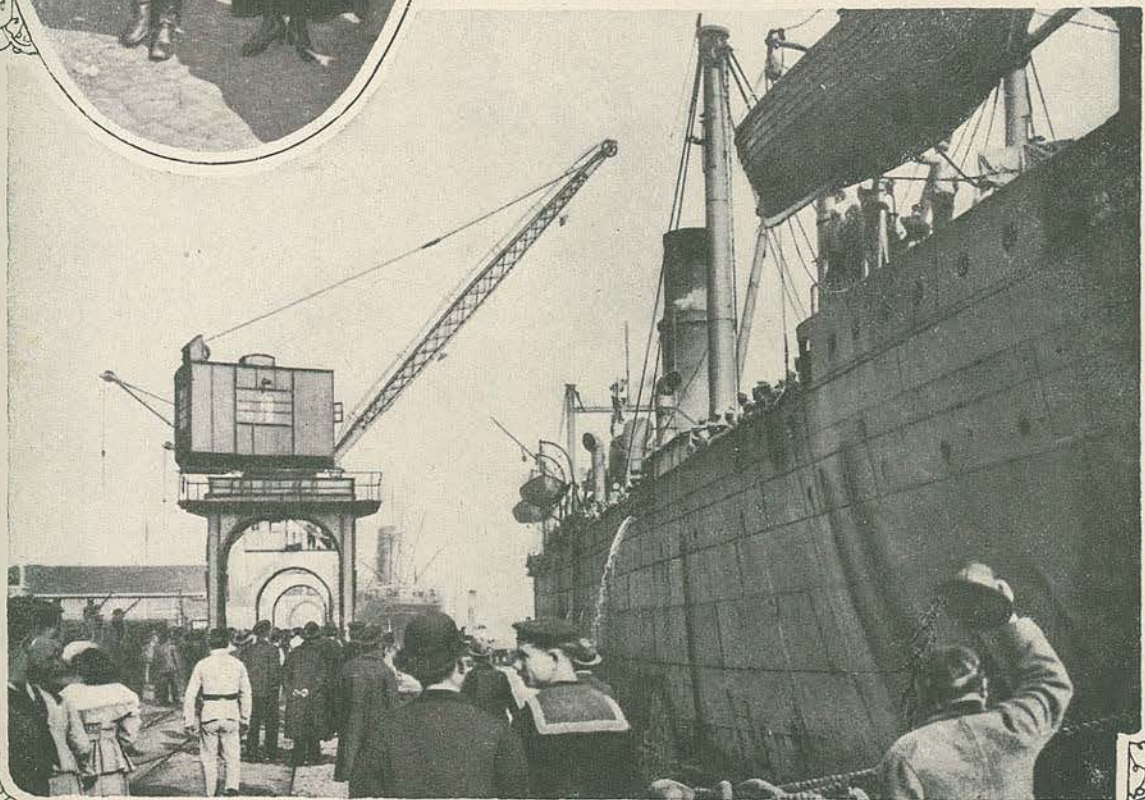
(Miches Benollel)

PARTIDA DE NOVAS TROPAS PARA FRANÇA

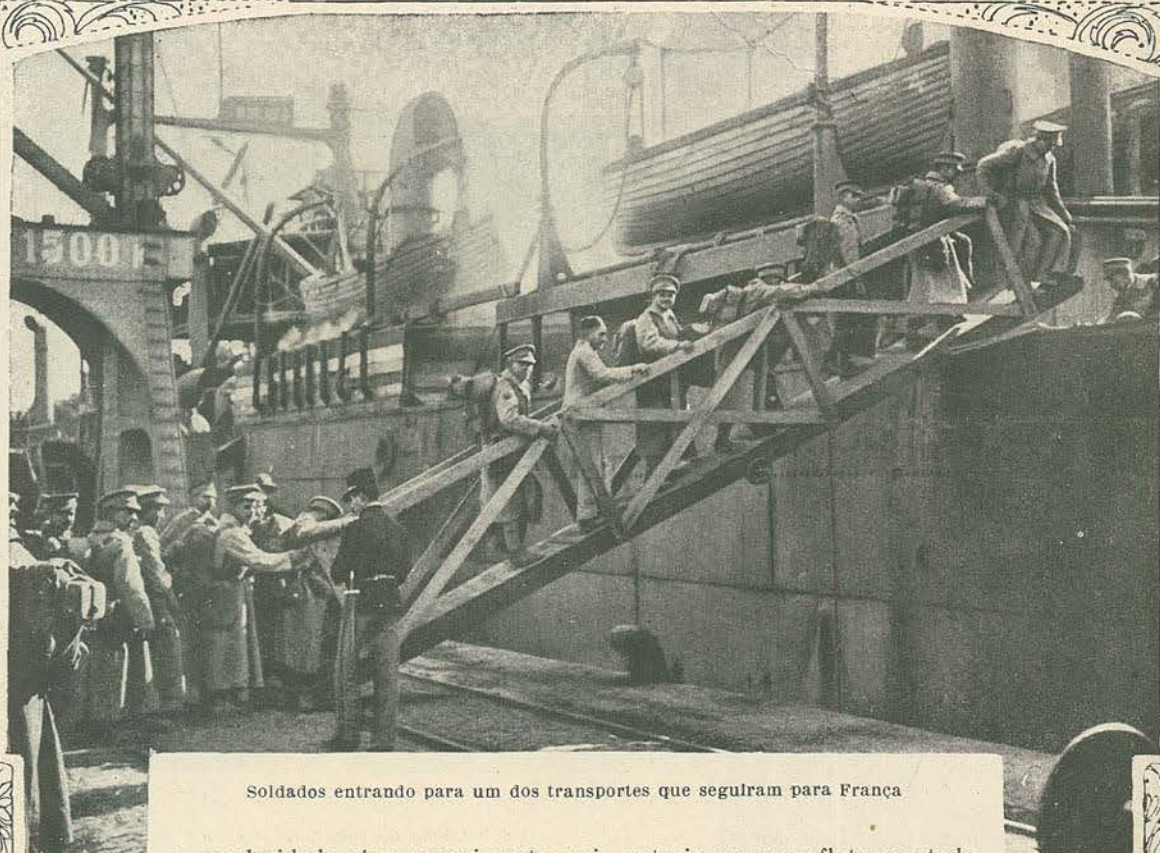


Um batalhão de infantaria no caes aguardand^o o momento de marchar para bordo dos transportes

Continuamos a reproduzir os *clichés* mais interessantes da sucessiva partida das nossas tropas para França, notando-se sempre a mesma disciplina

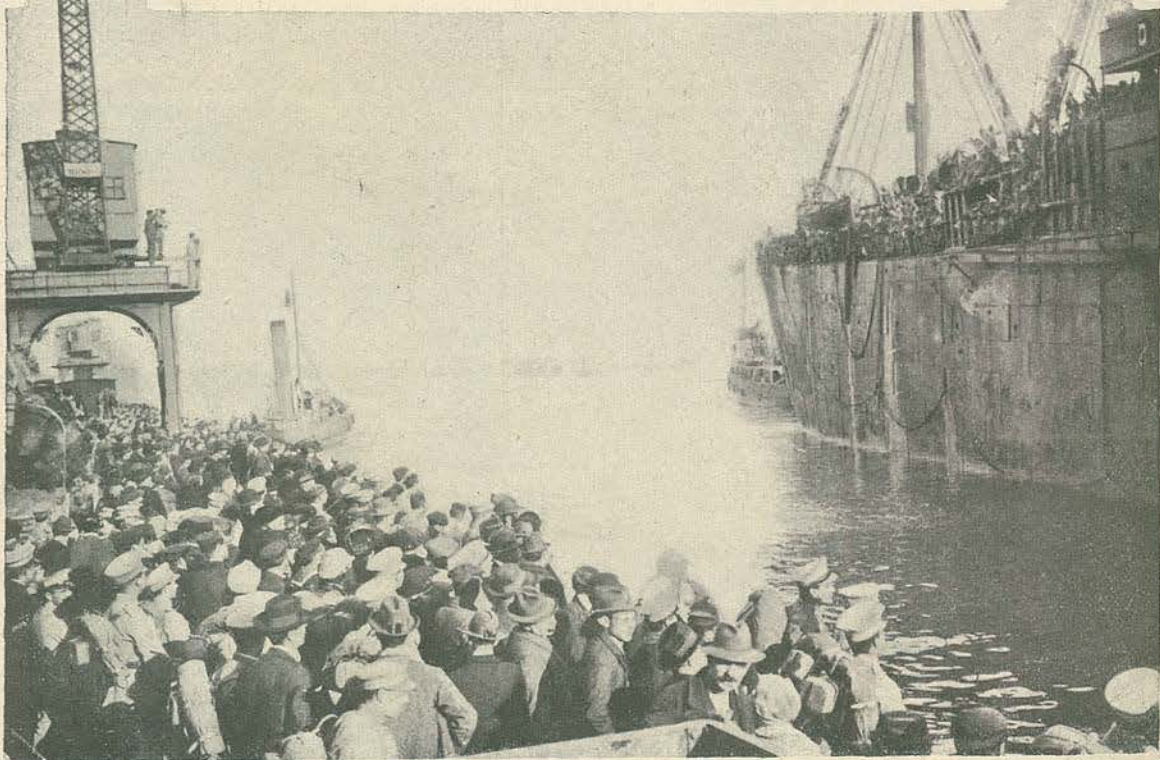


2. Acompanhando o esposo até ao momento do embarque. — 3 Soldado embarcando pelo guindaste para o transporte ao largo do caes e em andamento



Soldados entrando para um dos transportes que seguem para França

e regularidade n'esse movimento, cujo entusiasmo se reflete por todo o paiz, cada vez mais ancioso pela sorte dos valentes que o vão defender.



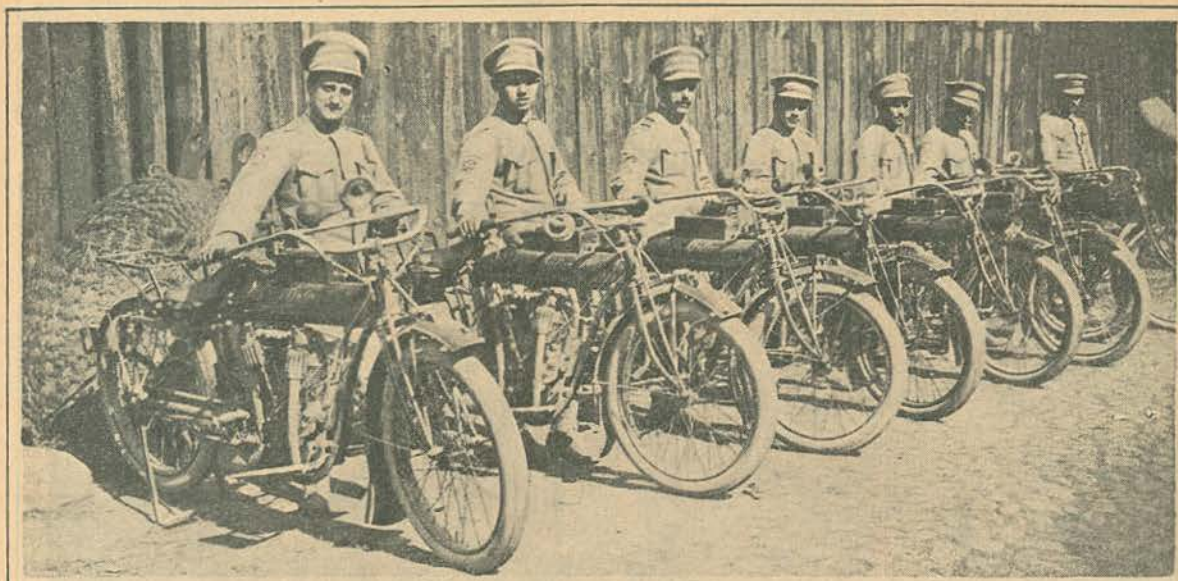
Aspecto do caes no momento em que um dos transportes com tropas se afasta para o largo



Paragem de um comboio com tropas em Alcantara-mar



Infantaria formada para embarcar



1. Motociclistas do quartel geral.—2. O sr. Camara Leme e outros officaes do 35 e o sr. Mendes, guarda marinha auxillar, a bordo de um dos transportes.—3. Soldados no caes.

(Publicação autorisada por s. ex.^a o ministro da guerra.)

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DASILVA ORAÇA, Limit.*

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS RUA DO SÉCULO, 43 LISBOA

Delirio das grandezas



—Então, meu filho, em que altura estamos a respeito da conquista do mundo?
 —Só nos faltam Andorra e S. Marino para termos na mão todas as grandes nações da Europa!

PALESTRA AMENA

A RUSSIA

Aquela Russia ha muito tempo que dava grandes cuidados á pessoa que assina estis modestas linhas e que por ela tem grandes simpatias desde que um orfeon russo esteve entre nós, no Coliseu da rua da Palma, e aí cantou algumas canções portuguezas com tão boa pronuncia como se fôsse o de Condeixa.

Mas por isso que muito a estima ámos, muito recebamos por ela. Que demonio queria dizer uma nação com um rôr de metros d: circunferencia e uma população quasi infinita, apanhar dos japonezes a sova que nós sabemos? Que diabo de causas haveria a facilitar a entrada dos austro-alemães por ali dentro a rendição de dezenas de generaes, aquellas osciações de ora se querer a paz ora se querer a guerra?

Nada: a nossa amada Russia tinha espinho e grande, encravado no seu robus o organismo, espinho que a não deixava ser senhora das suas facultades, que a mpeçia de se impôr e ser tao grande no mo al como o é no físico. Então, com o espinho atravessado, lembrámo-nos d'uma peça moscovita, que lêmos n'uma tradução franceza com o título de *Le revisor*, apesar de a podermos muito bem ter lido e compreendido em russo, visto sabermos perfeitamente o que quer dizer Ale xovitz, ou *vitch*, como quizerem.

A referida peça foi representada a primeira vez em S. Petersburgo e tal escandalo produziu que a autoridade policial a prohiu sem demora. Chegou aos ouvidos do impededor a noticia da obra e da prohição e este ordenou que subisse á cena mais uma noite, para a ouvir e avaliar da justiça ou injustiça da policia.

E' o seguinte, pouco mais ou menos, *Le revisor*. Em certa cidade russa anuncia-se a chegada do *revisor*, que na Russia vem a ser um fiscal universal, isto é, um cavalheiro que fiscalisa todos os serviços publicos—absolutamente todos. Quem anuncia a chegada é o chefe dos correios, que a sabe por uma carta particular, que abriu. E logo comunica a nova aos directores de todos os outros serviços, ao da policia, ao dos hospitaes, ao do ensino, ao das repartições de cobrança, aos jizes, etc. todos com longas culpas no cartorio, imoraes até á raiz dos cabels.

Chega a essa cidade um sujeito que é tomado pelo *revisor*. Lo o todas as autoridades, comerciantes, industriaes, simples particiuares, se apressam a enchê-lo de dadivas para que ele feche os olhos ás poucas vergo has que por lá vão, como haviam sempre feito os fiscaes antecessores d'aquelle. O visitante, que não era tal o *revisor*, mas um pandego qualquer. recebe os presentes, guarda-os, safe-se e quando os prevaricadores se julgavam absolvidos e estavam esgotados apparecia o verdadeiro *revisor*, na ultima cena, ficando todos aterrados por já não terem com que comprar a condescendencia d'aquelle enviado do governo central.

O imperador, que era o avô do actual, se não eslamos em erro, aplaudiu caorosamente a peça e levantou a prohição, ordenando a continuação das representações enquanto o publico se não mostrasse enfadado.

Viu-se agora mais uma vez que se o teatro *ridendo castigat mo es*, os não regenera, de modo que de quando em quando é necessaria uma revolução sita para pôr as coisas no são.

E' o diabo, quando n'um paiz uns comem de mais e outros não comem nada!

J. Neutral.

Os deveres da hospitalidade

Retirou a companhia franceza que durante algumas noites chamou numerosa concorrencia ao teatro Nacional e pode gabar-se de não ter recebido o menor agravo do nosso colaborador Jerolmo, o qual nos comunica que assim procedeu não só por deveres de hospitalidade mas tambem por ter deixado em Pêras Ruivas um nodoso cacete de marmeleiro, que possui.

Quanto ao grande publico, foi delicadissimo, como era seu dever de bom aliado, aplaudindo todas as noites a alma de Coquelín *ainé* na pessoa de seu pobre sobrinho João, a Sara Bernardt na voz da sr.^a Dufrene, etc. Com o *Cyrano de Bergerac* foi particularmente amavel, continuando a festejar a alma



de Coquelín no nariz do sr. Duval, e, quanto a cenario, mobiliario, etc. fazendo todo o possivel por não ver que estava assistindo a uma recita de curiosos no teatro das Trinas.

Emfim, os membros da companhia saíam da capital sem beiscadura e decerto levarão dos portuguezes as melhores recorlações e a convção de que são as pessoas mais pacientes do universo.

Entretanto, ousamos aconselhar os da Porta de S. Martinho a que não venham por cá em tempo de paz, quando não tivermos obrição de ser benevolos para com os nossos irmãos de armas, não vá o diabo do Jerolmo mandar vir de Pêras Ruivas o seu celebrado cacete de marmeleiro.

Misterio

Misterio insondavel é este do pão em Lisboa ser mulato, sem que o pa seja preto e a mãe branca, ou vice-versa. Se o trigo é alourado e o milho branco ou amarelo, em geral, como pode a mistura dos dois cereais—que outra não permite a lei—ser cor de castanha?

Acaso na moagem ou na panificação se introduzirá materia estranha na laboração do produto? Nem por som-

bras queremos pensar em tal disparate, pois que moag-iros e padei os são, como é sabido, p ssoas honradissimas.

Aqui só ha uma explicação: é que o



milho do novo pão é milho preto, isto é, milho-rei, aquele cuja espiga, encontrada nas descamisadas, dá ao achador o direito de abraçar as raparigas presentes. Ora sendo rei, não admira que o pão saiba tão mal a repulicanos.

Palavras...

Dizem telegramas de Petrogrado, que o novo governo russo tomará como divisa Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Quer dizer: da ui a pouco estão todos á pancadaria uns aos outros.

Tudo serve

Anunciou a Companhia do Gaz que deixa de fornecer coque ao publico, porque tem de lançar mão de todo e qualquer combustivel, o que já toda a gente tinha percebido, porque a luz de lamparina que nos dão os rarissimos candieiros acesos em Lisboa não pôde provar, evidentemente, do gaz da hulha.

N'este ponto é justo louvar os directores da Companhia, que não olham a sacrificios, nem mesmo pessoas, para entreter a combustão; ha-os que teem sacrificado a begala, o chapu alto, as botas, eic., em substituição do



carvão, como se conhece pelo exame dos bicos. Em frente da nossa redação, por exemplo, ha um candieiro que já este mez esteve aceso duas vezes e cujo cheiro denunciava perfeitamente qual a materia prima empregada: uma no te era o cheiro do sebo, outra o do papel queimado, significando que os directores tinham sacrificado á illuminação as peugas e as ações da Companhia, respectivamente.

Higiene e beleza

Continúa a senhora que subscreve a secção *Higiene e beleza* n'um jornal do lusco-fusco, a tratar da cutis das suas colegas no sexo, mas de vez em quando é sibiina. Por exemplo: uma menina, que assina *Petiza*, queixou-se-lhe de que era palida e ella respondeu: «Os seus quinze annos saudave's não necessitam de cosmeticos; e mesmo que d'entios fossem recorrer-se-ia a meios naturaes para pôr nas faces de *Petiza* as rosas que ella tanto ambiciona.»

Bem se sabe qual é a maneira de fazer cô ar uma rapariga, mas era melhor diz-la claramente, não suponha a pequena que se trata de algum palavrão inbecente.

E se algumas vezes a illustre senhora é nebulosa, outras vezes é má conselheira, como quando diz a *Josefina, a loira*: «As lavagens com infusão de camomilla não deixim escurecer o cabelo. Os banhos de sol são ótimos.»

Para al irar o cabelo? não são tal. N'um muro, em frente da nossa redacção, um gato preto passa horas ao sol e está cada vez mais Henrique de Vasconcelos.

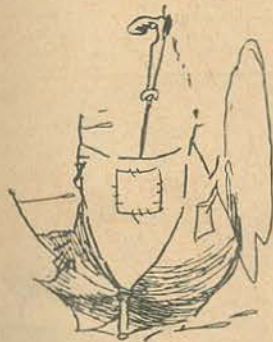
Memorias de um guarda-chuva

I

Finalmente, estou sêco! Ha perto de tres mezes que tenho andado numa sôpa, pingando noite e dia, tantas batagas de chuva apanhei! Os vendavais rasgaram-me o pano e despedaçaram-me as varetas; a minha armação está deploravel, mas, emfim, o sol chegou e eu descanço...

II

O que eu cobri durante o inverno! Primeiro a cabeça do meu dono, que é politico e que nada perderia se recebesse alguns banhos de chuva. Depois, juntamente com a do meu dono, a de uma menina que certo dia junto



passou, sem chapêu de chuva e a quem elle ofereceu abrigo até á casa da mesma menina, onde entraram. Lembrome que dessa vez me deixaram aberto no patamar e aí esperei durante duas horas, cobrindo porcarias de gato...

III

E cobri mais de um cento de vezes



O grão-duque Miguel Alexandrovitch

Eu vos saúdo esplendido Miguel De Nicolau provavel successor, Desejando que o novo imperador Represente melhor o seu papel.

Agora é ser valente, sei fiel, Do povo mais irmão do que senhor. Ser justo mas ser bom; ter mais amor Dentro do coração que sanha e fel.

Não era o Nicolau mau cidadão, Porém não basta apenas não ser mau Para se governar uma nação;

E' preciso dar pão além do pau E foi por dar só pau e não dar pão Que deu em droga o mano Nicolau.

Belmiro.

a cara do meu dono, que me abaixava e de mim fazia escudo, logo que avistava um crêdor ao lado de quem tinha de passar. Graças a mim, elle não era visto, mas nessa manobra é que apanhei quasi todos os rombos que me despedaçaram, de encontro a outros que vinham em sentido oposto.

IV

Mas hontem chegaram as andorinhas e com ellas voltou-me a alegria. Ia descançar, emfim! Enxerguei-as quando passou o ultimo chuveiro de março; adivinhando que eu ia ser fechado e ia descançar por alguns mezes, a minha ponteira sorriu para as avesinhas que atravessavam uma nesga azul do ceu. Então t'es pingos mais fortes me caíram no pedacito de seda que me restava e que não eram liquidos mas pastosos...

E agora que estou sêco, se por um lado bemdigo a ociosidade que vou gosar, por outro lembro-me de que nen tudo o que a primavera produz é agradável...

Publius.

...e vice-versa

Anexo á Academia do sr. Antonio Cabreira criou o sr. Antonio Cabreira um instituto a que, modestamente, poz o nome de Instituto Antonio Cabreira e domingo passado o sr. Antonio Cabreira, acompanhado por varios amigos, foi a casa do sr. Schiappa Monteiro entregar-lhe o diploma de presidente honorario do Instituto Antonio Cabreira.

Consta que em breve se fundará o Instituto Schiappa Monteiro e que o sr. Schiappa Monteiro irá a casa do sr. Antonio Cabreira entregar-lhe o diploma de presidente honorario do Instituto Schiappa Monteiro.

O Marques satisfeito

A noticia de que a Inglaterra está, emfim, resolvida a adotar o sistema metrico, nos pesos e medidas, tornou radiante o nosso Marques.

—Ainda bem, disse ele ao amigo que lhe deu a novidade. Nunca fui capaz de fazer idéa do que os inglezes queriam significar, quando diziam, por exemplo, vinte jardas...

—E agora, com a adoção do sistema metrico?

—Agora já sei que quando eles disserem vinte jardas é como se dissessem vinte metros...

Bocage e os medicos

(Continuação)

XIX

Um chapado, um retumbante Corifeu da medicina Certa menina adorava, E adoeceu-lhe a menina.

Eis para curá-la o chamam Pela alta fama que tem. Geme o doutor e responde: —Não vou, que lhe quero bem.

XX

Gratis pespega o verdugo No pescoço ou laço ou corte; O espadachim mitta gratis, O medico vende a morte.

XXI

Trouxe-se á nobre doente Um récipe singular. Morreu do récipe? Não; Só da tenção de o tomar.

XXII

In fide parochis, atesto (Escrevia inchado cura) Que sof eu Lopo Forçura Da morte o golpe funesto.

Tal clareza não se achou Dos obitos no registro, Mas atesto-o por ter visto A receita que tomou.

XXIII

Arrimado ás duas portas Pingue boticario estava, E brandamente acenou A um doutor que passava.

Mal que chega o bom Galeno Diz o outro, em ar jocundo: —Unamo-nos, meu doutor, E demos cabo do mundo.

(Continua).

Manecas, rival de Arquimedes



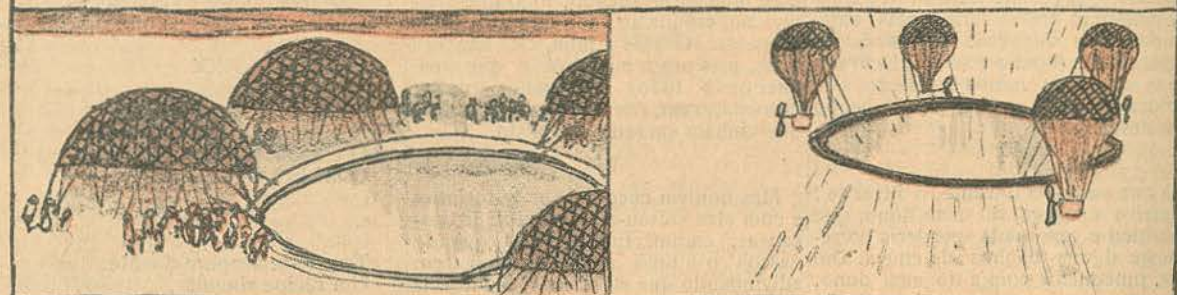
1.—Vendo que ao sol uma lente
Quilquer fosforo lu' endela,
O Manecas, de repente
Tem uma famosa ideia.

2.—Aju'dado pelo mano,
Que e tambem pessoa esperta,
Faz o desenho do plano
De mais uma descoberta.



3.—Parte p'ra terras lon'rinhas
Levando a grande Invenção
E a um mestre de officinas
Propõe logo a construção.

4.—Mãos á obra: o nosso artista
Manda aparar um cristal
De espessura nunca vista
E potencia colossal.



5.—E manda depois li ar
Varios balões em redor
Para a lente levantar
Sem trabalho de maior.

6.—La vae ela, la vae ela,
Nunca se viu coisa assim!
Manecas, á manivela,
Cocta directo a Berlim.



7.—Ageita a lente na altura
E faz na terra incidir
Uma tal temperatura
Que é d'um sujeito fugir!

8.—Arde Berlim como oez
Gracas ao nosso inventor
E o Guilherme d'esta vez
Apanha um grande calor.

ATENAS E OS ALIADOS



A cerimonia da reparação em Atenas:—As bandeiras das nações aliadas (francesa, inglesa, italiana e russa) com as suas guardas de honra, durante o desfile das tropas gregas, a 30 de Janeiro de 1917.

(«Cliche» da Illustration).

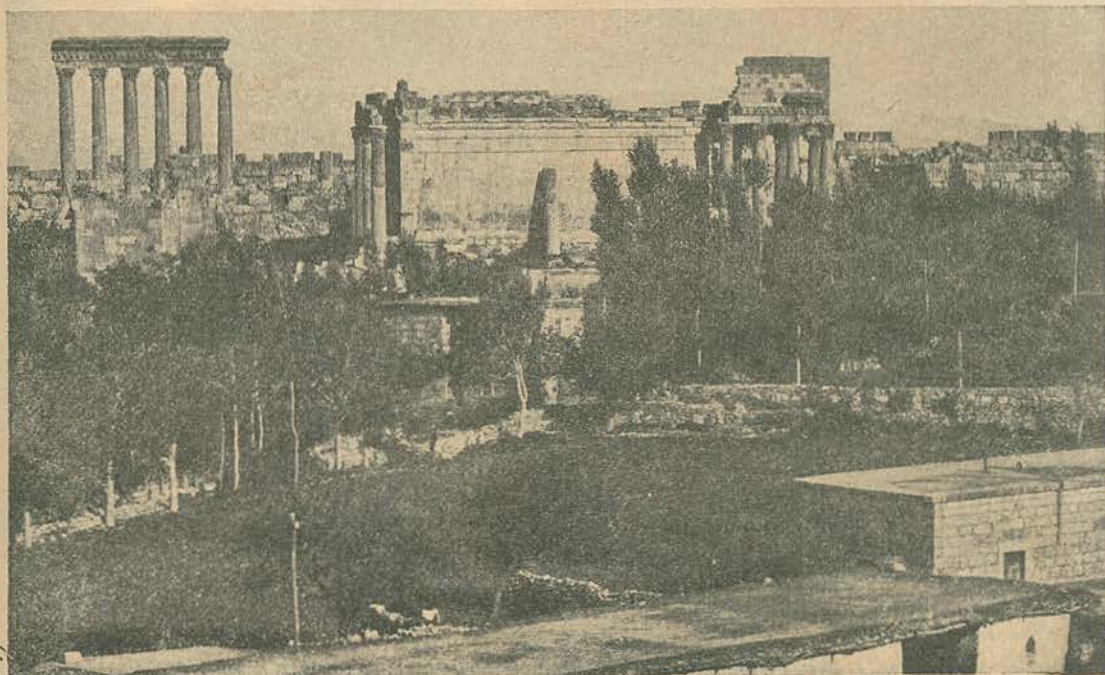
O cruzador francez *Renan* assestou as suas peças sobre a Acropole. Curiosa coincidência! Mas o proprio *Renan* teria aplaudido o gesto, não pela Acropole, decerto, que ele não cessaria de adorar, mas pelos gregos que hoje vivem em torno do templo augusto sem lograrem

compreender a sua nobre e pura beleza.

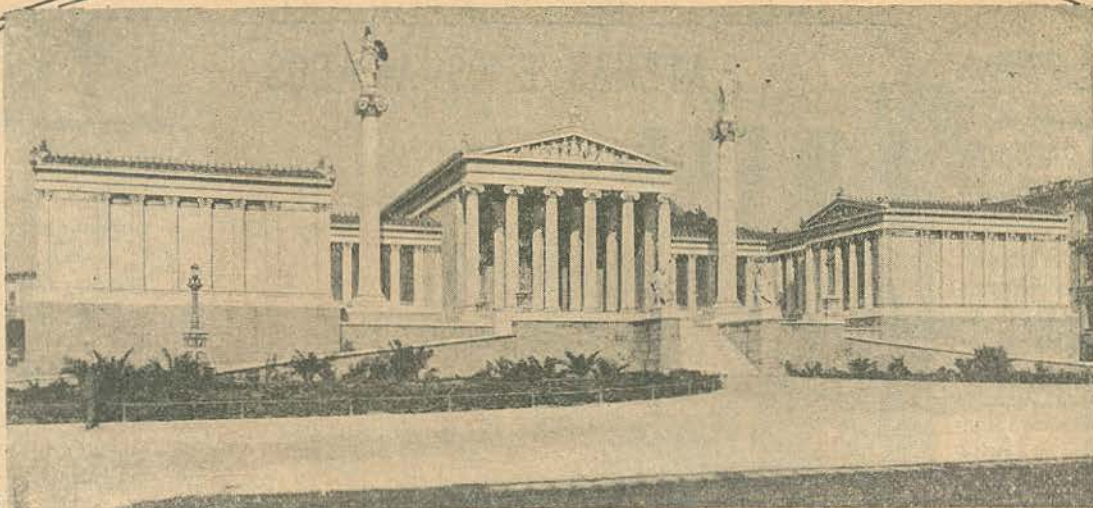
Não ha no mundo um paiz de maiores e de mais formosas tradições do que a Grecia. Simplesmente é forçoso confessar que essas tradições não andam hoje por boas mãos. Os que em Salonica se reuniram em torno do grande homem d'Estado, que é o sr. Venizelos, são

gregos d'agora, provalmente dignos dos gregos d'outros tempos; mas os outros, a maioria ainda, não o são. Byron, que teve tão má-língua para falar de paizes que lhe não fizeram mal algum, veria com desgosto hoje, se pudesse, que não foi feliz na escolha d'aquela pelo qual sacrificou a pele.

A campanha na imprensa d'Atenas contra os aliados continua violenta. O kaiser mandou, ao que se afirma, dizer a seu cunhado Constantino que, tudo quanto lhe pedia n'este momento, era que se não deixasse destronar. E Constantino obedeceu, capitulando, com evidente má-vontade, deante das exigencias



Atenas vista da Acropole



Athenas:—A Academia

formas e justas dos aliados. Com má vontade e, pode dizer-se também, sem boa-fé. É certo que as tropas gregas desfilaram em 30 de janeiro deante das bandeiras dos países da *Entente* e dos seus representantes diplomáticos e militares, que não corresponderam á saudação. Mas é certo também que a transferência das tropas gregas para o Peloponeso tem sido feita com uma incrível lentidão, que todos os protestos servem aos dirigentes d'Athenas para a retardar, que se afirma haver armas escondidas na Tessalia e que as famosas ligas de reservis-

tas, vezes sem conta dissolvidas, continuam ininterruptamente a dar sinal de si.

O correspondente da *Illustration* em Athenas não foi admitido a assistir á cerimonia de reparação de 30 de janeiro. Um colaborador eventual da grande revista franceza enviou-lhe um *cliché* da cerimonia, que reproduzimos, mas onde é lamentavel, como a propria *Illustration* o reconhece, que se não vejam os soldados de Constantino, comandados pelo principe André da Grecia, saudando as bandeiras que tão vergonhosamente dois mezes antes tinham insultado.



Athenas antiga e moderna:—O boulevard da rainha Olga; ao fundo, a Acropole

D. Genoveva de Mayer Ulrich

Quem, sobre uma prova tipografica, escreve rapidamente estas linhas, que lhe são pedidas para emoldurar o retrato da senhora Dona Genoveva de Mayer Ulrich — da mais illustre escritora portugueza do seu tempo, a senhora Dona Maria Amália Vaz de Carvalho. Mocidade admiravel de espirito; voluntariosa, peregrina, excelsa cabeça loira, d'esse loiro fulvo e ardente de certas belezas florentinas, — emquanto a sua voz d'oiro declamava, com um perfeito acento teatral, a sua prosa colorida, original, nervosa e rútila, como joias, era facil seguir, na aristocracia dos seus gestos, no esplendor feminino do seu olhar, na im-



periosa sugestão da sua figura, o desenho d'esse inquieto, vivo, fulgurante temperamento.

Tudo n'esta senhora de sociedade, profunda, virtuosa, exemplarmente senhora, denota o vivo e aceso misticismo da Arte. O seu grande talento é feito de imaginação e de vontade — de juventude e audaciosa feminilidade. Tudo n'ela indica a originalidade de espirito — e o orgulho da ação. Estas qualidades fazem a sugestão da sua literatura, em que ha um vivo engenho teatral — e fizeram d'ela a Musa admiravel da linda festa que transformou ha dias Lisboa n'um encantador mercado de flores e de graça, O milagre d'essa tarde é o milagre do seu espirito, tenro e imperioso e o milagre da sua voz...



1. A sr.^{ta} D-Genoveva de Mayer Ulrich

(«Clichés» Lazarus)

2. A comissão organisadora da festa da flor. — Sentados da esquerda para a direita: As sr.^{tas} D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, Marquiza de Lavradio, condessa de Sabugosa e Murça, Marquiza de Rio Maior, D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas, Viscondessa de Santo Tirso, Condessa de Taboeira, D. Maria Domingos de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria da Piedade Lemos dos Santos. Em pé, da esquerda para a direita: Condessa da Ponte, Condessa de Alferrarede, Condessa de Seisal, Condessa de Castelo Mendo, D. Maria da Conceição Casal Ribeiro Ulrich, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Judith de Lancastre, Viscondessa dos Olivares, Condessa de Ficalho, Marquiza da Praia e Monforte, D. Cecília Vanzeller de Castro Pereira, D. Cristina de Azevedo Craveiro Lopes, D. Madalena Lopes de Mon e D. Eugénia Ribeiro Ferreira.

TROPAS PORTUGUEZAS EM FRANÇA



O general Tamagnini d'Abreu e Silva, em França, tendo á direita o capitão do estado maior Matias de Castro e o tenente-coronel Ortigão Peres, e á esquerda o tenente Camões, seu ajudante de campo. («Cliche» Excelsior)

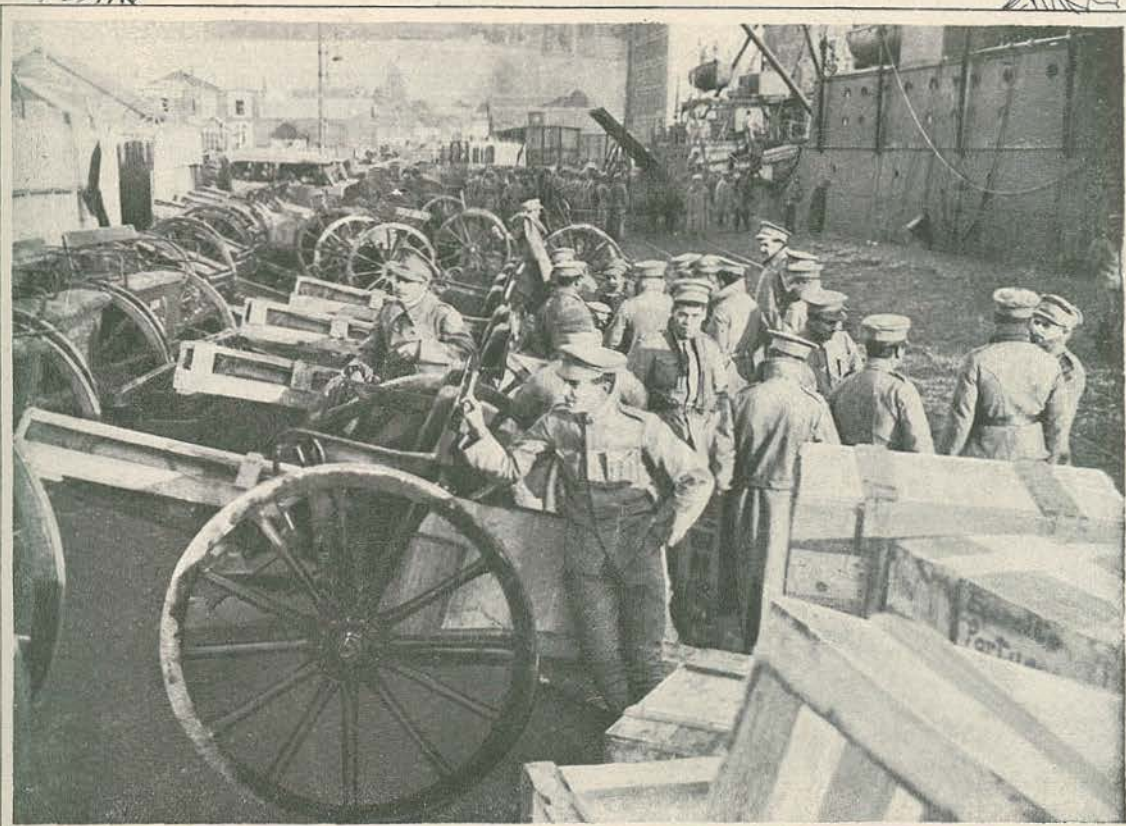
Na pessoa do ilustre comandante das nossas tropas expedicionarias de que já muitos milhares se encontram em França, o general sr. Tamagnini Abreu e Silva, tem recebido além Pireneus o exercito portuguez as mais honrosas provas de simpatia e apreço da parte dos exercitos aliados — inglez e francez.

Embora os jornaes estrangeiros, em observancia a medidas prudentes de occasião, não se occupem da existencia dos soldados portuguezes em França, nem mesmo apenas do acolhimento que eles vão tendo á sua chegada, puzeram em destaque o seu comandante por fórmula a não deixar duvidas sobre os sentimentos, que animam as duas grandes nações para

comnosco, e sobre o valor que attribuem á cooperação que lhes vamos levar contra os inimigos da liberdade e da civilização dos povos. As noticias particulares tambem o corroboram. As nossas forças ainda não deixaram de ser alvo de carinhosas manifestações desde os pontos de desembarque até ao campo da sua instalação. Desde que pisaram o solo hospitaleiro da França, onde tanto e tão generoso sangue se tem derramado pelos direitos mais sagrados das gentes, sentem-se n'um paiz verdadeiramente irmão e comungam com o mesmo entusiasmo no ideal da vitoria, por que francezes e inglezes veem combatendo, vae para 3 anos, como se a guerra tivesse estalado apenas ha um mez.



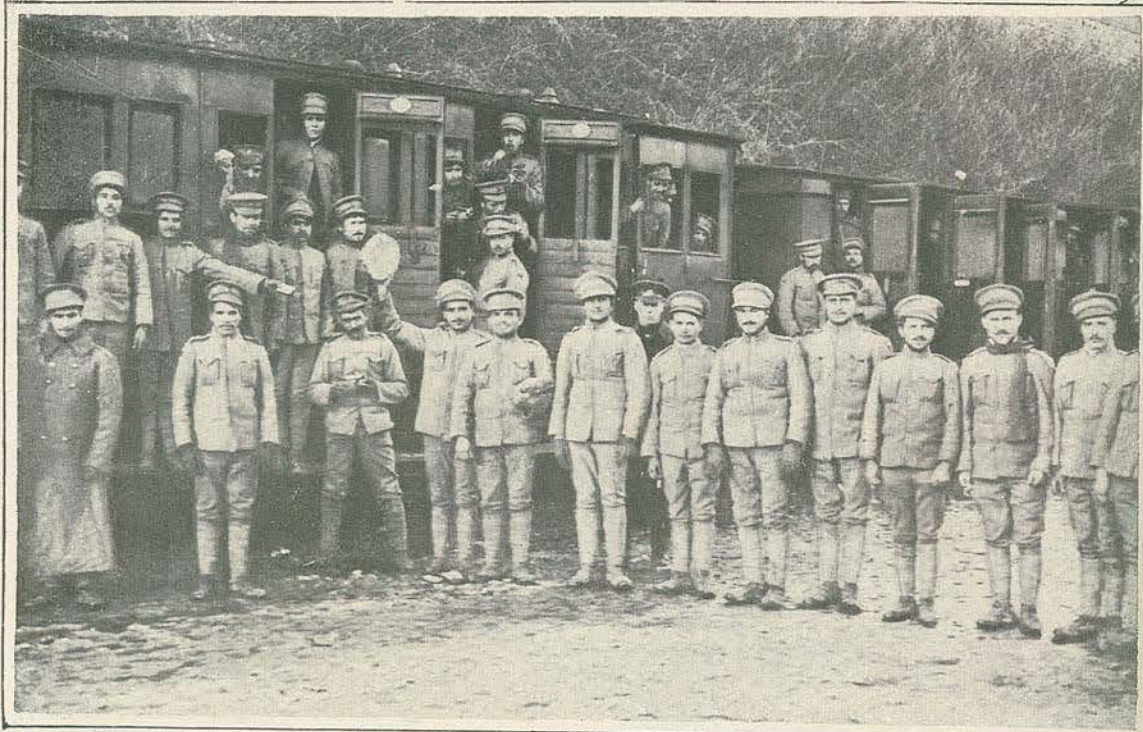
Um grupo no caes de desembarque



Artilharia que acaba de desembarcar



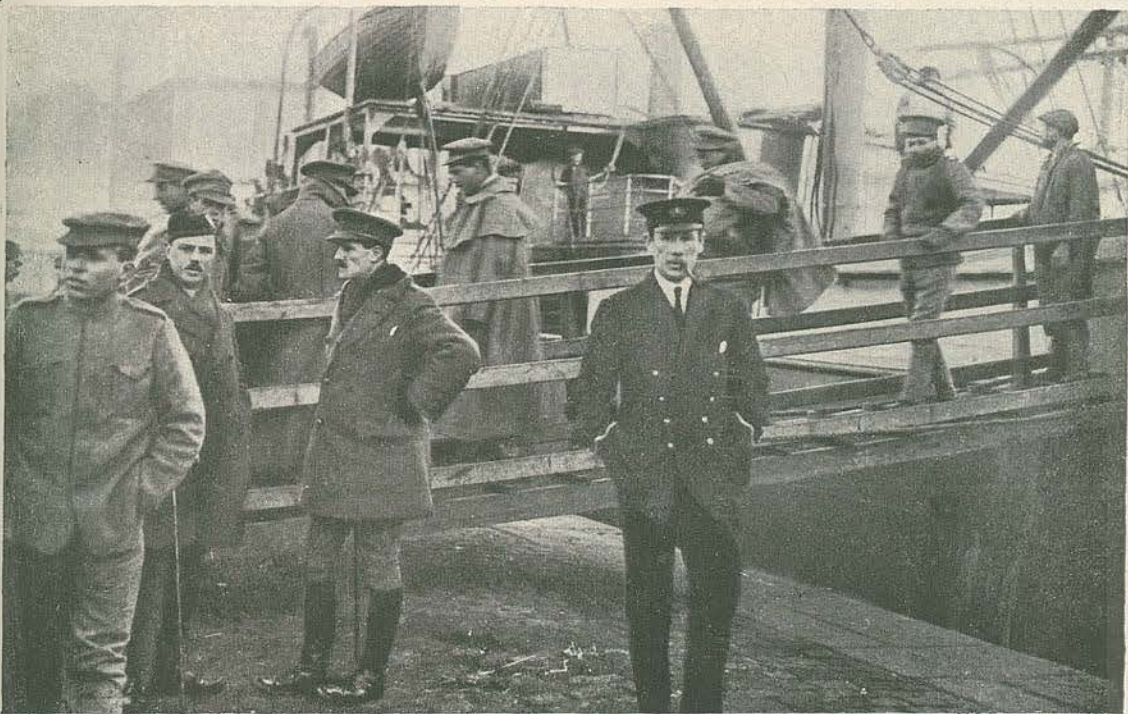
Desembarque de material de guerra



Tomando o comboio para o acampamento



A' espera de ordens depois do desembarque



Desembarcando

A REVOLUÇÃO NA RUSSIA



A ex-Imperatriz da Russia

O grande povo da Russia acaba de sacudir, n'um medonho impeto de revolta, o despotismo secular que tanto o tem tiranisado. E' o primeiro fruto d'esta formidavel luta pela causa da civilisação e da humanidade, sazornado e colhido inespe-

radamente. Quando a fome o flagelava por incuria criminosa do governo do czar e em Stokolmo se negociava uma paz separada entre representantes da Russia e da Alemanha, uma verdadeira traição para os aliados, rebentou a revolução, pondo-se ao lado do povo o exercito de terra e mar e quantos, desde tão longe, veem anciando por despedaçar as gargalheiras que os escravisavam ao mais opressor dos retrocessos.

O imperador foi obrigado pelo parlamento a abdicar em seu filho menor, Alexis, ambos conduzidos para uma sua propriedade rural na Criméa, ficando seu irmão o grão duque Miguel com a regencia.

Comquanto corresse muito sangue, a revolução triunfou em pouco tempo, sendo acolhida com entusiasmo pelos aliados, porque trazia a certeza de que a Russia continuaria a acompanhá-los com firmeza no caminho da vitoria.

Com a liberdade surgiram como por encanto as subsistências das mãos dos açambarcadores; uma vida nova transformou n'um momento o vasto imperio dos czares, de tão lugubres tradições, sendo de crêr que dentro em breve se fixem definitivamente as bases que lhe assegurem essa liberdade com o mais rasgado progresso.

Os imperios centrais, desorientados com a revolução, vêem n'ela mais uma garantia da vitoria dos aliados.



O grão duque Miguel Alexandrowitch, regente do imperio



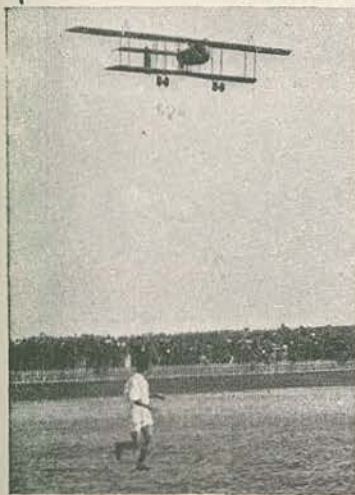
Nicolau II, ex-Imperador da Russia, e seu filho

A Amadora em festa



Os corredores antes da partida

DO domingo, 20 do corrente, realizou-se a mais assombrosa festa a que temos assistido na Amadora. Lisboa despovoou-se, ansiosa de admirar não só as corridas pedestres e os desafios de *foot-ball*, anunciados, mas sobretudo a largada de 1:200 globos, que ofereceu um espetáculo deslumbrante, elevando-se aqueles no espaço, impedidos pelo vento, para muito longe. Apenas um facto se deu, que muito contristou a animada assistência. O aeroplano, em que o tenente Sacadura fez maravilhosas evoluções, tocou n'um moinho e, partindo uma aza, veio cair no solo ficando apenas o ilustre oficial com pequenos ferimentos.



2. O aeroplano dirigido pelo tenente Caseiro pairando sobre o campo do *foot-ball*.—3. Os aviadores Caseiro e Sacadura, saindo do posto de socorros dos Recreios Desportivos, onde o segundo foi pensado.—4. A multidão em volta do aeroplano do tenente Sacadura, após a sua queda.
(Michés Benoitte).

Contra os submarinos



Noticiaram já os jornaes o tiroteio que as baterias de S. Vicente, de Cabo Verde, e as canhoes «Ibo» e «Beira» fizeram contra os submarinos alimães que pretendiam entrar na baía. Apresenta esta fotografia a força vinda no vapor «Moçambique», que ali desembarcou, abrindo trincheiras e collocando-se n'elas para defeza do cabo submarino. Tanto

mais é para registar o acto d'estes valentes, quanto é certo que eles regressavam á metropole por motivo de doença, comandados pelo capitão de infantaria sr. Antonio Joaquim Ferreira Diniz, tendo por subalerno o alferes de infantaria sr. Francisco Gonçalves Curono, sargentos Torrado de artilharia, Peixoto, Almeida e Rito de infantaria 23.



A força em descanso depois do exercicio



Seringas para se-
nhoras, com prote-
tor de borracha ma-
cia e guarda de bor-
racha.

Os artigos
DE
borracha

com a marca



são garantia infalvel de qualidade
uniforme e fina.

A Davol Rubber
Company estabele-
ceu-se em 1874 e
durante os últimos
42 anos tornou-se
a fabrica mais im-
portante do mun-
do, no seu ramo.



Bolsas inteiriças
para agua quente,
de borracha do Pa-
rá seleccionada; ga-
rantidas.

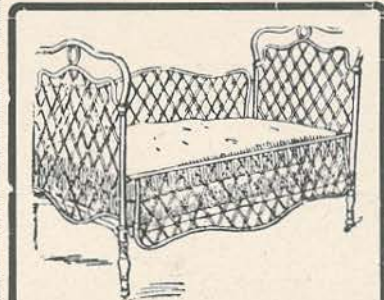
DAVOL
RUBBER COMPANY
Providence, R. I. U. S. A.

No. 62

¿Quereis ter boa dentadura?

USAE A PASTA DENTIFRICA
FLORA
que é a unica que conserva o esmalte dos
dentes e a hygiene da boca.—A venda em
todas as pharmacies, perfumarias e drog-
arias e mais estabelecimentos do paiz. Unico
representante para Portugal, colonias e
Brazil **F. L. MATHEUS, Rua do Norte, 84, 1.º**

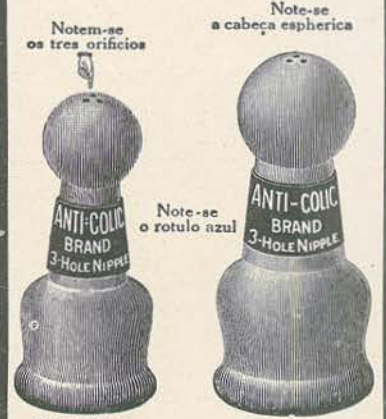
Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Camas para bebés
O que ha de mais «chic». Grande variedade e sortimento
AU BON "MÉNAGE"
41 — Avenida da Liberdade — 43
Esquinas da Travessa da Gloria Telefone 3857

Creme Palmyra
DE RESULTADO MUITO EFICAZ
Preparado de pureza garantida. Fras-
co: 4\$000 rs., 2\$500, 2\$000, 1\$500 e 800 rs.
Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.º
Telefone 4.359 centr.

O Bico de Mamadeira
"ANTI-COLIC"
(ANTI-COLICA)
MARCA DE FABRICA



Notem-se
os tres orificios

Note-se
a cabeça espherica

Note-se
o rotulo azul

TAMANHO
"REGULAR"

TAMANHO
GRANDE

(ILUSTRAÇÕES de TAMANHO NATURAL)

NOS ESTADOS UNIDOS
É USADA POR UM MILHÃO
DE CRIANÇAS E VENDIDA POR
25,000 PHARMACEUTICOS

AS RAZÕES PORQUE:

1. É uma mamadeira higienica;
2. É uma mamadeira duradoura. A quan-
tidade de borracha empregada é maior que
a usada em quaesquer outras classes e por
consequente durarao mais.
3. Sao fabricadas com a melhor qualidade
de borracha e nao podem injuriar a bócca da
creança.
4. Têm cabeça espherica, o que permite
que a creança os sustenha com maior firmeza.
5. Têm tres orificios permitindo a sahida
facil do leite ou de qualquer outro alimento e
impedindo que se achate, ao mesmo tempo
contribuindo para conservar a bócca da cre-
ança pequena e bem formada.

CADA UM DOS NOSSOS BICOS DE
MAMADEIRA,
MARCA "ANTI-COLIC," (ANTI-COLICA)
TEM UM ROTULO COMO O QUE A SEGUIR
ILLUSTRAMOS, AO REDOR DO PESCOÇO



TOMEM NOTA DE ESTE ROTULO E NÃO
ACCEITEM OUTRO BICO DE MAMADEIRA
DIFFERENTE.

FABRICADA em 3 CÔRES
BORRACHA PURA (PRETA)
BRANCA É VERMELHA

EXIGA DO SEU
PHARMACEUTICO OS BICOS
DE MAMADEIRA

"ANTI-COLICA"

FABRICADO PELA
DAVOL RUBBER CO.
PROVIDENCE, R. I. (E. U. da A.)

BARNET LEATHER COMPANY

81, FULTON St.

New-York, N. Y.

E. U. A.



Fabricas da Barnet Leather Co.,
em Little Falls, N. Y.

Cuja especialidade é o fabrico de couros de bezerro
para calçado em preto, branco, côres e verniz tanto lisos
como frizados.

Enviam-se amostras a quem lh'as pedir e correspon-
dem em portuguez.



Nunes & Nunes, Sucessores
RODRIGUES & ARAUJOS

CAMBIO

Papeis de credito—Coupons

CHEQUES ^{s/} O ESTRANGEIRO

ENDEREÇO TELEGRAFICO:

“DOISNUNES”

Telefone n.º 2108

95, RUA DO OURO, 97
LISBOA